

O Universalista

João Hugo Di Lucas

2014

Índice

Prefácio.....	05
Água Benta.....	06
Maracutaia, Brejos e Afins.....	09
Quiquié Marajá?.....	10
Ele Chegou.....	11
Vendendo o jegue pra comprar a carroça.....	13
Yes, we can, meu bródi!.....	14
Arromba o peito e abre a mente.....	18
Reggae no Brejo.....	19
O couro come na casa de noca.....	21
Aí cê me quebra.....	24
Panem et circenses.....	26
Dê Dei Afita.....	28
O Comédia.....	30
Ele quer biribar.....	32
O Professor metido a gás com água.....	35
Antro da Fornicação.....	36
O Point do Brejo.....	37
Dê Lovi Is Biudiful.....	40
Marijane Sumiu.....	43
O Luto.....	45
Décimo Quinto Dia.....	46
Não vai prestar.....	47
Noite De Plenilúnio.....	50
O Descabamento.....	52
O mel se foi.....	53
Manhã em Marajá.....	54
O retorno da deflorada.....	55
O bicho pegou.....	57
Propinol na veia.....	60
Colé de mermo?.....	61
Petitinga ta baqueado.....	62
Um auê da zorra.....	63
Comédia de farsa	64
A Embuchada.....	66
Lugar de chorar é no pé do caboco.....	67
Beata Maria não come reggae.....	69
O viajante vai vazar.....	71
A saideira de Tião... ..	72
Quem guenta?.....	73
Ó paí Ó.....	74
Õ o auê aí Õ.....	75
MaracutaiaXMarajá.....	76
O Piripaque.....	77
Morte e Vida.....	78
O professor deu o ninja.....	79
Tonico Se Vai.....	80
Cabô.....	81
Um Capítulo Qualquer.....	82

Prefácio

_ Eu vi tudo com os olhos que essa terra, num breve dia, há de comer...

A convicção veio-lhe da garganta velha, rouca e cansada tal qual a sua tênue existência; entre um respiro estafado e uma tosse escarrada, daquelas que deixam inesquecíveis lembranças amarelo-esverdeadas por todo o chão. Àquela altura da sua caótica trajetória, as vírgulas tinham intervalos infinitos, as reticências findavam as sentenças e as interrogações não mais imploravam por respostas, sobretudo para quem já viveu quase um século de vida e, portanto, só tinha como regra geral aguardar pacientemente o ponto final.

Ainda que cerceado pelos desafios de transitar na linha de fronteira da vida, Chico do Borogoddó começou a descortinar para os seus netos a história de duas prosaicas cidades incrustadas numa pequena baía no interior da Bahia. Mas não sem antes prometer só falar a verdade, pois naquele instante estava desprovido de quaisquer ambições futuras que instintivamente conduzem o ser humano à manipulação das palavras e dos fatos em proveito próprio. Aliás... Minto; Chico do Borogoddó tinha uma ambição futura sim: Deitado definitivamente na velha cama de madeira de lei, abiurana ou jacarandá (o móvel é tão antigo e sua memória falha tanto que ele não recorda em que tipo de pau descansa o colchão de molas, corroído pelo mofo e condominado pelos ácaros); ele esperava um espaço privilegiado no além vida prometido pelos deuses, seja o paraíso entre anjos e orquestras de harpas ou cercado de dezenas de virgens na glória de Alah ou, ainda, transitando entre os Orixás, abaixo de Oxalá e acima da terra.

E, para alcançar o seu intento, aquele nobre ato de revelar o que viveu era como uma redenção, a prova de que aceitava a transitoriedade e a evolução natural, redenção ainda que somente no grand finale. Isso não importava pra ele naquele instante em que findava a sua existência, pois o que foi vivido não podia ser apagado, ou deletado para os mais jovens, pelo contrário, deveria ser atirado aos oito ventos para viajar os quatro cantos do Universo, assim como um tal professor Tião, misterioso personagem que foi arremessado de não-sei-onde para também fazer parte desta singela história:

Com vocês, O Universalista:

UM Água Benta!

_ Arrependei-vos, irmãos, ou então ardereis no fogo infernaaaaaal!!!!!!!!!!!!!!!

O estrépito messiânico de terras pré civilizadas reverbera nas paredes do recinto praieiro com vigor e impostura, e retorna à tela da já desgastada televisão de quatorze polegadas com os olhos esbugalhados e as mãos veiosas. Aquele utensílio, por ora ameaçador, descansa sobre uma cômoda de madeira aglomerada clara. Logo acima do móvel, pendurado na parede, uma pequena antena de metal tenta melhorar a imagem do púlpito, ao seu lado uma foto meio embolorada do Afoxé Filhos de Gandhi, no chão, uma esteira de junco velha e surrada.

Além dos objetos comuns e típicos de casebre praiano, o imóvel possui poucos adereços: Uma mesinha permite o descanso do jarro de barro meado de água a exibir gélidas flores artificiais e empoeiradas. O objeto colore a pequena e vazia sala, um recinto bege como areia molhada e frio como a brisa marinha. O piso de cimento queimado é ornado pela esteira de junco velha e surrada e por alguns buracos irregulares que para os mais incautos serviriam de abrigo de ratazanas, mas quem tem o mínimo de conhecimento sobre a beira do mangue sabe que os sublocadores do ambiente são os guaiamus, presentes em todo o distrito, da malacabada estação rodoviária, aonde ninguém chega e ninguém sai à grandiosa igreja matriz.

Lá fora, além do vento salobro que sopra levemente sobre a vila, destaca-se uma varanda de rusticidade litorânea, com cestas de palha pelos cantos das paredes e atadores de rede fincados nas suas pilastras simplórias. Do terraço campestre admira-se a paisagem bucólica da vila, lá embaixo:

A praça vazia e suas lamparinas de luzes amarelas, os bancos frios de cimento cru, as árvores frutíferas que sombreiam os caminhos dos passantes nos dias de calor e encobrem a calçada de folhas secas, os simplórios desenhos geométricos de pedras portuguesas, as luminárias históricas visitadas por mosquitos que fazem algazarra sobre os raios de luz, os terrenos uniformes a exibir casebres de estilo colonial simples como a vida de quem transita pelos encantos de Marajacuçu do Brejo Velho. Cada detalhe daquele prosaico cenário representa fielmente a pequenez do viver praiano em todo o seu esplendor e a aldeota, cuja luz azul dos raios da tempestade tropical desnuda os seus telhados encharcados e seus espaços, por hora, desabitados, aparece para o mundo envolvida num ar de nebulosidade, como se quisesse mostrar para o visitante apenas uma pequena porção da sua alma, e se este tiver a curiosidade e a coragem suficientes que se arvorasse nas suas entranhas, descobrindo cada um dos seus sete véus.

QUAL É O MISTÉRIO DAQUELE VILAREJO PERDIDO?

Será ele uma medusa? O mito da Grécia antiga com cabelo de serpentes e olhos que transformavam o admirador em pedra? Ou quicá uma Iabá Iorubana, a encantar os navegantes com a sua melodiosa voz até conduzi-los ao fundo do mar?

Somente a história pode revelar esse mistério ao professor viajante.

Porém, a essa altura da noite, além das dúvidas existenciais recorrentes naquela tropical noite de contemplação, os únicos companheiros do ébrio são o abandono, uma garrafa de aguardente e um copo vagabundo de café requentado, que ele sorve em pequenas e alternadas goladas, enquanto observa a chuva, que deixa a atmosfera enternecida e permite que a cidade limpe parte das suas incongruências.

Quem já se viu numa varanda singela, sozinho, na madrugada chuvosa, a contemplar o finito horizonte de nuvens densas acima do mar sabe perfeitamente o que é a solidão. Naquele instante torrencial, Tião suspira como se fosse o último ser vivente na face planetária, como se a vida soçobrasse e a qual restou somente um parco filete dentro dele, e apenas dentro dele. Exasperado pelas interrogações, sua mente afasta-se do mundo real e mergulha dentro de si mesmo, em busca de algum resquício de existência, mas somente reverbera um universo insípido, triste, belo e depressivo, tal qual chuva de vilarejo à beira praiana, que cai em bicas e entrincheira os viventes dentro das suas pobres habitações, onde gozam as trivialidades mundanas; sentados ao redor da mesinha da sala ou sobre o tapete confronte ao sofá, deitados nas redes sob avarandados ou escorados nos parapeitos das janelas ao tempo em que sorvem uma pequena e acalentadora golada de café e contemplam as gotas d'água que se derramam sobre as telhas de barro cheias de musgos, como lágrimas que escorrem pelo rosto do vilarejo até desaguardarem em forma de torrentes na pequena Baía do Guaiamu.

No adiantado da hora, visto que a madrugada já derrama completamente seu manto sobre a cidade, Tião passeia através da retina pelos caminhos obscuros de ruelas e becos da noite interiorana: Admira as silhuetas de árvores centenárias e observa os casebres de avarandados semi-iluminados por lâmpadas amareladas e cheias de mosquitos. As luzes frias e opacas desnudam porções de quintais escuros, cercados de muretas cor de tinta desbotada; o mato dá o tom vívido ao ambiente pontuado de arremedos de jardins de ericas, roseiras, jasmins, outros tantos quintais ostentam, na escuridão, a sombra dos jambeiros, das mangueiras e coqueiros suntuosos de folhas frondosas que vão e vem ao sabor do vento salobro vindo do litoral.

Na sua viagem psicológica em busca de algo que nem ele mesmo sabe o que é, o professor testemunha o rio caudaloso que atravessa a cidade de ponta a ponta; da avenida central, passando pelos fundos da igreja da matriz, sob a ponte que alicerça a enferrujada linha férrea até desaguar num imenso e silencioso breu:

_E se eu caminhasse até o final desse silêncio, onde chegaria? Teria algum alento, alguma resposta ou voltaria tão vazio quanto quando me aventurei na jornada e no final perceberia que não há resposta nem no céu, nem na terra, não há alento nem dentro nem fora de mim, apenas contemplação e ilusionismo, pois as estrelas cadentes não trazem respostas e o silêncio não trás respostas, muito ao contrário, apenas aguçam as minhas dúvidas existenciais. Os porquês não necessariamente precisam ser respondidos e, portanto, só me resta conjecturar altiplanos deíficos para aplinar os interrogatórios mentais que se multiplicam e transbordam no negrume silencioso da noite.

Aonde levaria aquele turbilhão de águas se me jogasse no infortúnio? Seguiria comigo até o desague ou minha vida cessaria antes do fim? E se a minha vida sucumbisse antes que o rio perecesse, ele sentiria a minha falta ou continuaria seguindo, seguindo, indiferente ao meu destino até se fundir num espaço sem tempo com o mar sem fim?

Sitiado pelas interrogações e inebriado pelo destilado de cana, o eremita, então, num lapso de consciência, abandona a protetora construção, as convenções e as vestes, para ele evidentes sinais da fraqueza humana, e desce o pequeno morro composto de chão de areia e barro e de pedaços de Mata Atlântica que se misturam às gramíneas verdes e altas. A escadaria de madeira que o leva à praia está escorregadia e a enxurrada transita em paralelo aos degraus dos dois lados, desembocando o líquido barrento na praia, que filtra a água e deixa na superfície apenas uma espessa camada de lama de um amarelo ouro:

_ QUEM SOU EU?

A frase é regurgitada da garganta a todos pulmões, enquanto ele empunha na mão direita uma folha de espada de Ogum, no peito um crucifixo de metal prateado com a imagem do Jesus agonizante e na esquerda uma garrafa quase seca de cachaça. O bebum ajoelha-se de braços abertos defronte ao mar bravio sob o céu cinzento, aquele choca as suas águas violentamente sobre as pedras, este responde às suas súplicas com descargas elétricas que rasgam a madrugada fria de tempestade e estouram bem longe, no meio do pequenino golfo.

_O que faço? O que faço? o que faço de mim e do mundo? Qual a minha trajetória futura? Não suporto a ideia de transitar de um lado para outro sem eira nem beira. Recuso-me a não ter função, não conhecer os porquês, as origens e o destino. Pra onde foram as respostas aos porquês que não aparecem nas minhas memórias ou nas minhas reminiscências? Tão somente ficam presas à gramática enfadonha, sem função, sem destaques, apenas como uma simples regrinha do manual de português?

Por que a existência não é explicitada?

Por quê?

_A vida se exaure e a natureza crê que não somos merecedores de respostas aos porquês que invadem a alma, talvez porque sejamos simples filhos do acaso e assim vivemos ao sabor do fado, a criar ficções para suplantar a solidão universal.

Solidão universal!

Solidão universal... Apenas isto! Apenas seres soltos num universo que às vezes parece iluminado outras revela-se uma escuridão sem fim, como um autêntico palco vazio. O universo é um palco vazio que apenas ecoa a nossa própria voz, cuja função é tão somente reverberar no breu. E nesse mundinho de interrogações, as questões caem em torrentes como esta tempestade e escorrem pelo rosto, pelas mãos, pelos pés, encharcando nossos corpos e nossas supostas almas carregadas de dúvidas, mas desertificada de respostas. Nascer, morrer, viver, viver, morrer, nascer, renascer... Automatizações vitais que são apenas variações temáticas. Por que me negam a origem das cousas? Por que me negam o destino das vidas? Por que me obrigam a ouvir pseudo-apóstolos evocando o direito à representação divina para angariar benefícios terrenos à sua vida particular e mesquinha?

Se eles são representantes divinos, deem-me a direção da vida, revelem a origem, o destino, o início e o fim, mas se são parvos, calem-se, pois a única palavra admitida na boca dessa espécie de idiota é o SILÊNCIO.

Por hora estamos desertos, temo que irremediavelmente áridos, por dentro e por fora, individual e coletivamente, em parte por conta da incapacidade de regermos nosso próprio destino, em parte por conta das incongruências e interrogações humanas e filosóficas a que estamos submetidos. Me ensinaram a crer que a vida é importante, mas por conta de quê ela é importante?

Por causa da perpetuação do que chamamos de raça?

Ou para melhorarmos dia a dia através dos conceitos da teoria evolutiva?

Há chuva nos meus olhos, na minha boca, nos meus ouvidos, mas na mente só transbordam perguntas:

Quem sou EU? O QUE SOU EU?

Talvez uma alma encarnada num corpo. Ou uma luz olhando para as estrelas por trás das densas nuvens que encobrem o céu nesse instante. Ou serei apenas um monte de carne e interrogações em constante processo de involução putrefacional e cujo destino será sempre o fim?

Pra onde quer que vá, o destino será sempre o fim, o fim, o fim, o fim, O IRREMEDIÁVEL FIM...

O seu corpo desnudo jaz sob os auspícios das ondas que arrebatam na praia escurecida pela tempestade. A cena é observada com complacência pela natureza, insensível às trajetórias humanas e seus descaminhos e, portanto, seu papel é simplesmente derramar torrentes de águas e raios sobre aquele pedaço do planeta, que se encontra perdido entre o continente e o oceano, encravado no pé de um morro, cercado do que restou da Mata Atlântica e distante algumas dezenas de quilômetros da capital. Na areia, a garrafa de saborosa, já vazia, rola de um lado para o outro empurrada pelas ondas e pelo vento, que brincam com o recipiente como uma criança, sem grandes pretensões e entediada da vida. É ali que ele dorme o sono dos bêbados, daqueles que não dominam as próprias ações, a quem o corpo não respeita as ordens, a quem o mundo gira mais rápido que a sua consciência e os rejeitos do almoço saem em forma de torrentes do frio organismo, transbordando quente pela boca e desaguando na areia praiana entre algas, restos de conchas e cascos de guaiamus.

Elevado por alguns elementos desconhecidos, o professor é transportado de volta ao seu lar, enquanto balbucia palavras aparentemente ininteligíveis para os anjos da guarda de plantão:

_Levem-me, seres alados, conduzam-me ao teu Líder e este fauno que vos fala externará sobre as inquietudes humanas e revelará o profundo descontentamento pelas iniquidades que a nossa grotesca natureza comete.

Eu sei, eu sei, não aponte o seu dedo sobre a minha face envelhecida, pois tenho consciência do livre arbítrio a que estou submetido, mas para quê liberdade de condução vital se a nossa alma tem tendências diatéticas?

De fato estamos chovendo num molhado existencial, pois nos vomitaram uma existência desprovida de sentido, cercado de armadilhas e contradições, liquidificadas num ambiente moralmente mórbido, como se fossemos os escolhidos para habitar este planeta, mas não pelo conjunto das nossas virtudes e sim pelos detalhes lombrosianos de nossa irremediável personalidade. Somos um conjunto de erros!

Somos um conjunto de erros!

Levem-me para o seu Chefe, levem-me para quem decide, eu quero lhe detalhar a vida, se é que ele não tem noção, no alto da sua onisciência, do que acontece por aqui, se é que ele não tem plena ciência do que somos e do que nos transformamos dia a dia involutivamente. E se ele não tiver esta consciência do que construiu e das abominações que a sua obra de arte é capaz de perpetrar, sinceramente, amigos, temo que estejamos em maus lençóis, pois resumidamente, simplificando a questão, somos uma convergência de equívocos, uma aberração natural, um desvario, um desatino do destino.

SOMOS UMA GALHOFA DOS DEUSES! SOMOS UMA AUTÊNTICA E PATÉTICA GALHOFA DOS DEUSES!!

Portanto, carreguem-me, carreguem-me para o além da atmosfera, seres alados, quero ver o grande líder, o responsável pela criação.

O professor é arremessado na rede de renda que descansava vazia entre dois dos vários pilares da varanda que margeia a sua morada, no alto do morro. Ele mal tem tempo de agradecer ao destino, mal tem tempo de demonstrar gratidão aos benfeitores, apenas fecha os olhos e volta a dormir, o sono dos bêbados mergulhados na ébria solidão que transporta ao profundo silêncio e ao doce descanso, apesar do girar mundano.

CONTINUA...